

## DESLOCADOS AFRICANOS E INDIANOS NA GUERRA DA UCRÂNIA: A cor negra e parda como sub-raças e sua invisibilidade na Mídia ocidental

Mariano HEBENBROCK<sup>1</sup>  
Diakonisches Werk Hamburg - DWH - Alemanha

Percepções não são verdades. Pelo contrário, elas são o resultado de interpretações subjetivas - a mistura de coisas vividas, lembradas, sentidas e construídas. As percepções são fontes de tempo e moldadas pelo ambiente em que as surgem. (Andreas von Schumann Chefe do Escritório de Comunicação Política das Sociedade Alemã de Cooperação Internacional (GIZ) GmbH, Kiev.)

**Resumo:** "A guerra é um verdadeiro camaleão porque, em cada caso concreto, reflete algo de mudança em sua natureza" (ARON, 1980, p. 23). Como se pode observar na introdução deste *trabalho*, a guerra não apenas muda de nome, estratégia, região, atores, causas, mas também de consequências, visões e percepções. O artigo busca mostrar como a mídia ocidental usa de suas armas para apresentar à sociedade civil um Oriente agressor, desumano na conquista de adepto para a manutenção de sua cultura hegemônica. Por outro lado, relega o fil condutor de seus valores, ou seja, os direitos humanos, ao rincón mais sombrio de seu egoísmo. Em uma guerra de brancos europeus, os negros e pardos são relegados ao esquecimento da mídia formal. Até mesmos os pacotes financeiros de ajuda humanitária não contemplam estes deslocados. Conclui-se que, mesmo estes fugindo da seca, fome e guerra civil em seus países de origem, deverão voltar, pois a Diretiva de Influxo de Massa da UE não os ampararão.

**Palavras-Chaves:** Deslocados, Africanos, Indianos, Guerra, Ucrânia.

### Abstract:

"War is a true chameleon, because in each concrete case it reflects something of a change in its natures" (ARON, 1980:23). As can be seen in the introduction of this paper, was not only changes names, strategies, regions, actors, causes, but also consequences, visions, and perceptions. The article seeks to present how the western media uses its weapons to present civil society with an aggressor, inhumane orient and to conquer followers for the maintenance of its hegemonic culture. On the other hand, it relegates the guiding principle of its values, that is, human rights, to the darkest corner of its selfishness. In a war of white Europeans, blacks and brown color are relegated to the oblivion of the formal media. Even the financial aid packages do not cover these displaced persons. It is concluded that even these fleeing drought, famine and civil war in their countries of origin, they should return, as the EU mass Influx Directive will not support them.

**Keywords:** Displaced, Africans, Indians, War, Ukraine

---

1 Doutor em Comunicação Política pela UPF- Universität Pompeu Fabra/Barcelona, pesquisador associado do Instituto de Estudos da África/UFPE, Conselheiro Especialista em Migração Internacional DW-Hamburg/Alemanha. E-mail: [mariano.hebenbrock@gmail.com](mailto:mariano.hebenbrock@gmail.com).

## Introdução

**R**aymond Aron intitulou seu grande estudo de Clausewitz (1980) como *Pense na guerra - Penser la guerre*. Herfried Münkler (1999) retomou este título em junho de 1999 à luz do envolvimento alemão na guerra contra a Sérvia-Montenegro. Como se tornou conhecida, esta foi a primeira missão de combate do Exército alemão desde o fim da Segunda Guerra Mundial e marcou uma virada histórica para a Alemanha do pós-guerra, a qual foi considerada comparativamente pacifista. Não obstante, no final da década de 1990, na terra da "Guerra Nunca Mais!", havia mais motivos para repensar a guerra. Para Münkler (1999, p. 678),

Quem não faz guerras e nunca mais quer fazer guerras, como foi o caso da Alemanha até agora breve e na verdade ainda é, não tem que pensar na guerra também. O querer pensar pelo que foi declarado impensável é absurdo. E porque a guerra não pode ser pensada dessa maneira, não é necessário um conceito de guerra. A guerra como meio rejeitado pela política, não precisa ser entendida.

Obviamente, muita coisa mudou desde então, e não apenas na política de segurança alemã. O tema da 'guerra' experimentou um *boom* sustentado por controvérsias públicas e científicas desde o final da década de 1990, após a guerra de Kosovo - que não foi coberta pelo direito internacional -, os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e as guerras subsequentes contra o regime talibã no Afeganistão contra o Iraque e a guerra da Síria. No entanto, a guerra do Iraque, em particular, alimentou o medo de que a guerra, que foi proibida por normas, voltasse a ser aceita como um instrumento político de poder, visto que muitos a consideraram guerra ilegal de agressão.

A discussão científica sobre a Teoria da Guerra Política, a qual permeia todo este *paper* reflete por algum tempo: até que ponto nosso pensamento habitual sobre a guerra fica atrás da realidade? Isso porque nossas noções de 'guerra' permanecem fortemente ligadas ao estado de caráter europeu. Ao discutir as dificuldades de se conceituar a guerra, uma frase das reflexões de Clausewitz sobre a natureza da guerra é frequentemente citada: "A guerra é um verdadeiro camaleão porque em cada caso concreto reflete algo de mudança em sua natureza" (1980, p. 23). Esta natureza deslumbrante é apreciada pelos observadores da guerra. Para Bull (1977, p. 184) e Vasquez (1993, p. 23), embora possa haver hoje um acordo relativo de que a guerra clássica, como foi estilizada

na história militar europeia, está em declínio, não fica claro pelas formas observadas de violência política se ainda são guerra ou algo diferente - um camaleão colorido ou já uma criatura diferente. Independentemente da escolha final do termo e do padrão de comparação, as controvérsias giram principalmente em torno das variáveis violentas dos atores, motivos da violência, meios/estratégias de violência, economia da violência e consequências da violência. Como observado nesta introdução, a guerra não apenas muda de nomes, estratégias, regiões, atores, causas, mas também de consequências, visões e percepções. Quanto ao aspecto metodológico, este texto permeará dois tópicos, os quais, na visão do autor, são de suma importância para um maior entendimento para além das fronteiras do Ocidente. O trabalho conta com uma bibliografia sobre a teoria da guerra política, com análises textuais de reportagens em televisão, rádio e jornais do Ocidente sobre a guerra na Ucrânia, a invisibilidade dos residentes africanos e indianos documentados ou não na região do conflito publicada em blogues e Redes Sociais e por fim entrevistas de deslocados que conseguiram chegar até a secretaria social da cidade de Hamburgo- Alemanha.

181

### **Operação Militar russa na Ucrânia sob a ótica da mídia ocidental**

“Quando a batalha é inevitável, devemos atacar primeiro”  
Vladimir Putin, Presidente da Federação Russa, 2022.

Para a maioria dos leitores, ouvintes e telespectadores do Ocidente, sejam consumidores dos *mass medias* ou das mídias sociais, o dia 24 de fevereiro de 2022 foi marcado pelo dia em que o presidente da Rússia ‘acordou chateado’ e ‘resolveu perturbar’ a Ordem Mundial, atacando a sua vizinha: a Ucrânia. Era como se o tema principal que dominou por quase dois anos as agendas mundiais dos médios, sociais e políticas já não mais existissem, a saber: o Covid-19. A agenda da mudança climática, levado a cabo pela potente Alemanha para o parlamento europeu, foi paralisada e o orçamento de ajuda financeira de 2022 para a recuperação das já abaladas economias europeias pela crise do Covid-19 foi esquecido. O assunto da agenda mundial era a guerra na Ucrânia para o Ocidente e a operação militar para os russos e um pequeno bloco de países, os quais resolveram ficar neutros ou ao lado do ‘agressor’.

De acordo com Schumann (2021), coordenador do GIZ-*Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit* em Kiev, o interesse do motor econômico da

EU, Alemanha, pela Ucrânia é extremamente volátil. A imagem da Ucrânia está cheia de estereótipos e preconceitos. A opinião pública oscila entre a indiferença e a simpática solidariedade em tempos de crise; já a imagem da Ucrânia na mídia alemã e no imaginário do alemão continua sendo dos quatro Ks: *Krim* - Crimeia, *Krieg*- Guerra, *Korruption* - Corrupção e *Krise* - Crise.

O lema é: a Alemanha observa a Ucrânia principalmente como um país de crise e guerra, outras informações não chegam aos meios de comunicação alemães, talvez até corrupção e atraso nas reformas, mas sobre o que realmente foi alcançado e os novos espaços criativos para as novas gerações isto não chega. (SCHUMANN, 2021, p. 30).

De qualquer forma, "o conhecimento sobre a Ucrânia na Alemanha é marcado por muitos mal-entendidos", explica Marco Lehrmann (2021, p. 71), especialista do Leste Europeu. Isso varia desde as reivindicações russas de poder sobre a Crimeia, até os rumores sombrios sobre as influências fascistas no país. Na interpretação do pesquisador, percepções estas que podem ser observadas não apenas na Alemanha, mas também em todo o bloco do ocidental.

Para o pesquisador Boaventura de Sousa Santos, em seu artigo 'Como chegamos aqui?', publicado pelo jornal português 'O Público', em 25.02.2022, a UE foi incapaz de construir uma base sólida para a segurança europeia que, obviamente, teria de ser construída com a Rússia e não contra a Rússia, nem que fosse para honrar a memória de cerca de 24 milhões de mortes - o preço que a Rússia pagou para se libertar e liberar a Europa do jugo nazi<sup>2</sup>.

Então, eis a pergunta: o que motivou uma mudança tão repentina de visão sobre um país, o qual, até há alguns dias, não passava de uma ex-colônia soviética? A resposta pode estar na submissão da União Europeia diante da agressiva política externa americana e na inércia dos líderes ocidentais. É fato que a comunicação e a informação são importantes para as decisões de política de segurança e defesa - especialmente em guerras ou crises.

John Shattuck, ex-vice-secretário de Estado dos EUA, ilustrou as consequências de um sistema de comunicações cada vez mais global há alguns anos: "A mídia nos levou para dentro da Somália e depois para fora novamente" (LÖFFELHOLZ, 2001, p. 27). Esta avaliação é exemplar para uma posição atualmente representada na política ocidental e precisamente norte-americana,

<sup>2</sup> Boaventura de Sousa Santos, <https://www.publico.pt/2022/02/25/opiniao/opiniao/chegamos-aqui-1996829>. Acesso em 25.03.2022.

segundo a qual os meios de comunicação exercem uma grande e direta influência nos processos decisórios de política de segurança Löffelholz (2001).

Óbvio será dizer que os atores da política de segurança - mesmo em democracias - tentam fazer com que suas ações apareçam de forma positiva e usam meios desonestos (raramente, ocasionalmente, frequentemente). Isso é indicado pelo grande número de desinformações lançadas e posteriormente expostas, que, em certas constelações históricas, tiveram sérias consequências para as decisões sobre guerra e paz.

**Imagem 1-** Crítica do governo português ao governo turco



Fonte: Jornal Expresso Portugues (18.03.22)<sup>3</sup>.

Exemplos incluem a ‘mentira da incubadora’ inventada por uma agência de relações públicas antes do início da Segunda Guerra do Golfo (1991), o ‘Plano Ferradura’, logicamente construído na Guerra do Kosovo (1999), ou a ‘evidência’ de armas de destruição em massa apresentadas pelo governo dos EUA antes do ataque ao Iraque (2003). Esses exemplos, por mais dignos de consideração que sejam, apenas dizem algo de forma limitada sobre quais organizações ou indivíduos, sob quais condições, com quais objetivos, com quais meios, que conteúdo atinge quais efeitos em quais segmentos da população. Apesar do enorme esforço de comunicação - especialmente nos EUA - nem a política de segurança nem os militares podem prever como os jornalistas se comportarão em certas guerras ou crises, quais tópicos podem ser mantidos em segredo ou quais eventos terão amplo impacto na mídia. Isso foi demonstrado, a título de ilustração, no início do verão de 2004, quando a mídia publicou imagens de tortura de uma prisão

<sup>3</sup> <https://expresso.pt/guerra-na-ucrania/2022-04-01-Reputacao-e-negocios-como-a-Turquia-de-Erdogan-tem-tirado-proveito-da-guerra-80a1a23b>. Acesso em 20.03.2022

militar dos EUA em Bagdad, desencadeando, pois, um debate global que o Pentágono certamente gostaria de evitar.

Em relação à guerra na Ucrânia, o papel da mídia ocidental não é apenas construir demandas na comunicação da política de segurança, mas também causar efeitos que determinem a opinião pública, o que fica muito evidente na fala do Chefe de Redação do jornal alemão o *Bild*, Paul Ronzheimer, o qual se encontrava em Kiev naquele momento:

Gostaria que a Ucrânia tivesse mais repórteres alemães aqui. Há tantos jornalistas americanos aqui, jornalistas ingleses, jornalistas franceses. Portanto, é possível trabalhar a partir daqui. Afinal, os jornalistas também são escudos humanos. Contanto que seja noticiado e a verdade seja mostrada, existe a possibilidade de que a guerra seja pelo menos, menos brutal e cruel, embora, é claro, vejamos o quão já é cruel.

(RONZHEIMER, 11.03.2022)<sup>4</sup>:

Os repórteres do *The Washington Post*, Miriam Berger, Amy Cheng, Andrew Jeong e Adela Suliman compartilham do mesmo sentimento do amigo alemão:

Não vemos ucranianos fazendo propaganda de forma alguma. Vejam o ataque ao hospital infantil, por exemplo. Isso acabou de acontecer. Vejamos a situação em Mariopol, onde as pessoas estão presas, sem água, sem eletricidade. Um fotógrafo com que trabalhamos muito tempo e que está trabalhando para a AFP agora, com que também estamos em contato, fez imagens dramáticas, diz ele. Está tudo verificado, não é material do governo, está realmente acontecendo aqui. Acredito que a Rússia, através da propaganda, consegue manter as pessoas questionando isso e acredito que temos que afirmar isso com muita clareza. (*The Washington Post*, 18.03.2022)<sup>5</sup>

Nas sociedades democráticas, a gestão da comunicação, da política de segurança e a diplomacia pública estão se tornando mais relevantes, enquanto as formas tradicionais de negociação de decisões políticas sobre guerra e paz estão perdendo importância. Os ocidentais em particular, os americanos veem a informação e a comunicação como recursos centrais da guerra global no século XXI. O caráter não determinístico da relação entre mídia e política de segurança é cada vez mais levado em consideração. No entanto, parece duvidoso que o jornalismo esteja preparado para enfrentar os desafios atuais da guerra e da comunicação de crise.

<sup>4</sup> Acesso em: <https://www.deutschlandfunkkultur.de/berichterstattung-ukraine-russland-krieg-100.html>. Acesso em 15.03.2022.

<sup>5</sup> <https://www.washingtonpost.com/world/2022/03/18/russia-ukraine-war-news-putin-live-updates/>. Acesso em 16.03.2022.



Para Christian Mihr, diretor administrativo dos Repórteres sem Fronteiras, em uma entrevista ao canal francês/alemão de televisão ARTE em 26.02.2022, que foi novamente apresentada ao canal de televisão ZDF em 06.03.22, afirma que é importante distinguir entre propaganda e relações públicas. “Enquanto o governo russo espalha desinformação e mentiras agressivamente, o governo ucraniano realiza relações públicas sob as condições de uma guerra de agressão.” Ele continua expondo que em um contexto de guerra a competência de verificação, competência regional e competência em lidar com informação são particularmente importantes na reportagem jornalística sobre a guerra na Ucrânia. “É claro que em uma guerra como essa, todos os lados têm interesse em controlar as informações. Nesse sentido, a competência na reportagem e as velhas virtudes jornalísticas com a diligência são importantes para poder avaliar as coisas da maneira adequada”. (MIHR,06.03.2022)<sup>6</sup>

A jornalista de rádio freelance Gesine Dornblüth, que foi correspondente em Moscou por muitos anos, e atualmente cobre a guerra entre Rússia e Ucrânia com sua expertise desde Berlim, vê uma diferença substancial entre a política de informação dos governos russo e ucranianos: “Eu ainda não percebi os ucranianos espelhando deliberadamente notícias falsas, que chegam nem tão perto do que estamos experimentando com Moscou.” Dornblüth (Rbb 88.8: 01.04.2022) afirma que tenta manter contato com pessoas que conhece há anos e com colegas que trabalham com seriedade.

Quanto mais tempo a pessoa não pode viajar a um país, mais difícil se torna avaliar uma situação como esta. O problema é que não estamos apenas lutando para viajar à Ucrânia agora que a guerra está acontecendo, mas também estávamos lutando para viajar à Rússia há dois anos por causa do Corona. Isso torna incrivelmente difícil avaliar o humor da grande maioria da população do outro lado do anel viário de Moscou. (DORNBLÜTH, Rbb 88.8. 01.04.2022)<sup>7</sup>

Articulistas Turcos que trabalham no Ocidente acreditam que Selenskyj usa sua experiência de atuação no índice da liberdade de imprensa até por que, de acordo com os ‘Repórteres sem Fronteira’, a Ucrânia ocupa o Ranking 97 de liberdade de imprensa. Segundo observadores orientais, no entanto isso tem a ver principalmente com a difícil situação dos jornalistas na Crimeia e no Donbass

<sup>6</sup> <https://www.zdf.de/nachrichten/zdf-morgenmagazin/russland-atmosphaere-der-angst-ukraine-krieg-100.html>. Acesso em 10.03.2022.

<sup>7</sup> <https://www.rbb888.de/livestream/>. Acesso em 08.04.2022.

durante anos. Nas partes ocidentais do país, a internet é de acesso livre e canais de notícias estrangeiros também podem ser recebidos, diferente do que acontece no lado leste do país.

As mídias sociais desempenham um papel importante e são usadas habilmente pelo presidente ucraniano Volodymyr Zelensky para seus próprios propósitos. “Em vez de ir a coletivas de imprensa e entrevistas, ele conta com vídeos e fotos produzidos por ele mesmo, que distribui via Facebook e Twitter. Graças à sua carreira anterior como ator e diretor, ele é extremamente bem-sucedido em se apresentar aqui.” (KURAY: TUNÇÇELIK, 22.03.2022). Para Christian Stöcker, professor de Comunicação digital da Brand University of Applied Sciences-Hamburg, esta é a primeira guerra da história que está sendo travada nas mídias sociais em pequena, mas importante medida.

O cientista de Mídia Florian Zollmann da Brand University também vê a guerra na Ucrânia como uma ‘batalha de propaganda’ e alerta os meios de comunicação alemão contra cair muito em um simples ‘esquema bom/mal’. Na verdade, o número de jornalistas que podem reportar independentemente da Ucrânia é pequeno. Acima de tudo, as informações sobre movimento de tropas, supostos sucessos ou perdas são atualmente difíceis de verificar.

Na visão de Zollmann, os meios de comunicação ocidentais, neste momento, só não buscam endeusar o presidente da Ucrânia, como também demonizar não apenas o Putin, e qualquer outro líder político que pensa de forma diferente do Ocidente, como o caso da China. Este cientista explica que os repórteres da televisão alemã ZDF, Ulf Röller e Jenifer Girke, no dia 11.03.2022, apresentando as suas visões sobre a guerra na Ucrânia, aproveitaram para colocar a China em um dilema, afirmando que este país também está em pé de guerra com a Ucrânia e que a mídia ocidental também assegura esta atitude.<sup>8</sup> O cientista afirma que, ao mesmo tempo em que estamos sendo bombardeados por falsas informações no Ocidente, o Oriente também tem seus desejos e suas formas de publicidade do que eles acham que são verdadeiros.

Siman Nan, comentarista de TV, jornalista e um dos mais famosos influenciadores pró-Estado da China, com 30 milhões de seguidores espalha

---

<sup>8</sup> <https://www.zdf.de/nachrichten/politik/china-xi-putin-ukraine-krieg-russland-100.html>. Acesso em 21.03.22.



propaganda nas mídias sociais. Para ele, o que está acontecendo na Ucrânia não é a guerra de Putin, mas a guerra dos Estados Unidos. Com essa visão, ele está totalmente alinhado com seu presidente Xi Jinping.

Para Nan, os EUA provocaram a Rússia até ela não aguentar mais,

[...] então um dia a Rússia revidou e a Alemanha perguntou: Por que você está batendo em Alguém? O profissional da mídia vai ainda mais longe: ele interpreta a reação dos EUA ao ataque da Rússia na Ucrânia como uma declaração de guerra: ultimamente, os EUA entregaram muitas armas e muito dinheiro a Ucrânia. Os EUA querem a guerra.

Eles (os EUA) também têm pouca simpatia pelas entregas de armas alemãs. Isso só adicionaria combustível ao fogo para a Alemanha. (NAN in: RÖLLER; GIRKE, ZDF, 11-03-2022)<sup>9</sup>.

Outra visão espalhada pela mídia ocidental é a união da Rússia-China. Desde a ascensão de Xi ao poder, os dois presidentes se reuniram 38 vezes pessoalmente ou virtualmente. Ainda que não seja um relacionamento romântico, eles definitivamente têm uma parceria de conveniência: compartilham da visão de que países como a Ucrânia são apenas marionetes da OTAN. Além disso, que as democracias ocidentais questionam suas ditaduras. (ZDF, 11-03-2022).

Até mesmo, as visões de pesquisadores de Guerras da Universidade de Postdam em Berlin buscam em suas análises políticas atear mais fogo, quando os mesmos afirmam que o período da diplomacia já acabou e que agora estamos no tempo das armas de fogos.

**Imagem 2-** O tempo da Diplomacia acabou. Agora estamos no tempo da arma.



Fonte: Canal televisivo Phoenix<sup>10</sup>

<sup>9</sup> <https://www.zdf.de/nachrichten/politik/china-xi-putin-ukraine-krieg-russland-100.html>. Acesso em 14.03.2022

E continua:

A china está monitorando de perto os eventos na Ucrânia e as reações da OTAN e da UE. As conclusões que Pequim tirará disso provavelmente terão consequências geopolíticas. De qualquer forma, são esperados efeitos na política chinesa de Taiwan. O ataque de Putin à Ucrânia foi instrutivo para o chefe de Estado da china, Xi Jinping, nos primeiros dias e em três aspectos. Por um lado, para a avaliação da chamada parceria estratégia da China com a Rússia: o país continua sendo um parceiro economicamente fraco, mas muito bem armado militar e politicamente imprevisível. Por outro lado, para uma reavaliação das relações chinesas com os EUA e seus aliados: junto com a OTAN e a UE, estão se mostrando competentes para lidar com a crise. Finalmente, a estratégia da China de forçar Taiwan a aderir à República Popular pode ser fundamentalmente afetada. (NEITZEL, Phoenix, 22.03.2022).

O articulista Rauf Pauli (2022), do Jornal alemão, *Die Zeit*, explica, em seu artigo intitulado ‘Guerra da Mídia: nossos valores, sua propaganda’<sup>11</sup> que as emissoras de TV da China, Rússia e Catar estão alcançando cada vez mais espectadores com perspectivas alternativas, enquanto a mídia ocidental teme por sua soberania de interpretação. Ele explica que isso pode ser visto ainda em março de 2014 em uma manchete da *CNN*, como: ‘Crimeia ignora o ocidente e prepara referendo’. Já a emissora estatal russa, RT, respondeu com a contramanchete ‘As sementes da ideologia da UE e dos EUA estão causando uma crise na Ucrânia’.

Há seis anos, Pauli já alertava que uma guerra de informação já acontecia na Crimeia. “A mídia ocidental e russa luta para interpretar os eventos, cobrir sua visão de mundo em relatórios e acusar uns aos outros de mentir.” (03.2022) É a mais recente escalada em uma luta pela influência da mídia que está em andamento há muito tempo em todo o mundo. Nesta guerra pela informação, observamos que as frentes estão cada vez mais endurecidas. De uma perspectiva ocidental, por exemplo, a reputação da mídia russa nunca foi particularmente boa. Ainda de acordo com Pauli, o entendimento sempre foi: ‘Nós fornecemos informações, a imprensa estatal da Rússia acalma o povo com propaganda. Além da Rússia, o Qatar e a China, em particular, vêm investindo pesadamente em sua imagem na mídia há vários anos’.

Para o articulista, o Oriente quer desafiar as emissoras estrangeiras ocidentais por seu domínio anterior na maioria das regiões do mundo. *CNN*, *BBC* e

<sup>10</sup> <https://www.phoenix.de/die-woche-vom-210322-bis-270322>. Acesso em 23.03.2022.

<sup>11</sup> <https://www.zeit.de/politik/ausland/21-03/Medien-Krieg-Einfluss-Westen-Russland-China-Katar-Iran-Propaganda-Meinungsfreiheit/seite-2>. Acesso em 25.03.2022.

seus contrapartes alemães e francesas reagem defensivamente. Eles acusam os russos e chineses de não se envolverem no jornalismo independente. O que, por sua vez, levanta a questão de quão independentes as emissoras ocidentais realmente são. Afinal, eles também têm uma missão clara: Difundir os valores do respectivo país.

**Imagem 3-** O ocidente tem que entender que o mundo é bipolar



Fonte: Canal televisivo Phoenix<sup>12</sup>

‘Liberdade’ e ‘esclarecimento’ e ‘educação’ e também a ‘promoção do progresso econômico’ são mencionados nas ordens do emissor. Fatos que o Ocidente quer que sejam universais. Agora, as emissoras estrangeiras rivais estão questionando precisamente essa afirmação universal, pelo menos na mídia, ao estabelecer sua própria agenda contra ela. Nesta luta de poder mediático e de uma forma proposital, muitos assuntos escapam às lentes da Imprensa Ocidental, principalmente como consequência de uma guerra. Como, por exemplo, a invisibilidade da minoria russa-ucraniana, a comunidade muçulmana residente no país, a quantidade de africanos e indianos estudantes neste estado, a desigualdade de tratamento entre refugiados nos países de acolhimento, aqui podemos citar (Alemanha, Itália, Espanha, Portugal, etc.) e, por fim, a falta de controle entre a camada mais vulnerável de uma guerra, mulheres e adolescentes cooptadas como trabalhadoras do sexo, tanto nas fronteiras como nos países de acolhimento.

A guerra entre o bem e o mal, entre a ‘verdade absoluta’ do Ocidente e as ‘mentiras’ do Oriente, entre a propaganda e a relações públicas, entre Putin e Zelensky abrem margens não apenas para que temas importantes sejam escondidos da opinião pública e caiam no esquecimento. Estes também instigam que um grande número de telespectadores orientais e ocidentais busque atrás do coliseu,

<sup>12</sup> <https://www.phoenix.de/die-woche-vom-210322-bis-270322>. Acesso em 23.03.2022.

ou seja, nas redes sociais ou em redes de comunicação dos concorrentes o que, de fato, não conseguimos acompanhar nos meios ocidentais. A consequência disto para Pauli (2022) é o crescimento em popularidade de canais de televisão como Al Jazeera do Catar e o canal RT, financiado pelo Kremlin russo. A Al Jazeera já estabeleceu suas próprias filiais nos EUA, Balcãs, África Oriental e Turquia. O RT é um sucesso de popularidade no YouTube, com mais de um bilhão de visualizações. Nos USA, este é o segundo canal estrangeiro mais popular no país. Já o RT está em segundo lugar no Reino Unido. Todos mostrando uma visão de uma Guerra que nos meios ocidentais não são vistos como corredores humanitários no leste da Ucrânia para Rússia, onde, de acordo com estes meios de comunicação, mais de 250 mil ucranianos haviam deixados a Ucrânia em direção à Rússia nos primeiros dias de conflito.

### **Africanos e asiáticos no conflito da Ucrânia**

“Não estamos fugindo todos da mesma guerra?”  
(Calep Gabila, Estudante do Camarão, 2022)

No período (14-27.03.2022) em que a Europa celebrava as duas semanas internacionais contra o racismo, as redes sociais explodiam de denúncias contra atos de xenofobia, racismo, exploração sexual, preconceitos, furtos e maus tratos contra residentes ucranianos negros e pardos, tanto nas saídas dos grandes centros urbanos, como Kiew, Donezk, Lwiw, Odessa, etc., como nas fronteiras entre a Ucrânia e a União Europeia, (Polônia, Hungria, Romênia e Eslováquia). Fatos estes que só chegaram ao conhecimento da sociedade civil no Ocidente devido aos registros feitos pelos próprios deslocados ainda em campos de batalhas.

Após organizações internacionais, como Unicef, ONU, ACNUR, organizações não governamentais como Caritas, Cruz Vermelha e vários países africanos denunciarem os atos de violência, os casos tomaram repercussão internacional, fazendo com que até países de acolhimentos revissem suas leis de imigração para dar suportes não apenas aos deslocados de nacionalidades ucraniana, mas também a deslocados de países terceiros, que não poderiam voltar aos seus países de origens, devido a guerras civis, união familiar, conflitos religiosos, refugiados, exilados, nacionalizados, estudantes, profissionais liberais, etc.

Porém, como já foi explicitado na introdução, ‘o camaleão muda de natureza’, carregando consigo novas consequências e estratégias. A mídia ocidental

tradicional por estar alinhada com o pensamento de governos do Ocidente, ou seja, sanções, crises econômicas, vendas de armas, cooptação de novos atores políticos, desmantelamentos do 'bloco do mal' e independência do gás, óleo e carvão russo e segurança nacional, não conseguiu agregar à sua agenda assuntos relevantes de direitos humanos, como a proteção e evacuação de cidadãos de países terceiros.

A evacuação de negros e pardos da Ucrânia foi acompanhada de perto pelas redes sociais, abrindo, assim, espaço para fórum de debates, rodas de discussões e pedidos de socorros pelas organizações religiosas, organizações de europeus negros, consulados e embaixadas africanas. De acordo com o canal de Televisão Alemã *Hessenschau*, no dia 08.03.2022, já era sabido das autoridades europeias do ocidente através da Agência das Nações Unidas para Refugiados ACNUR<sup>13</sup> que mais de 2 milhões de deslocados já haviam deixado a Ucrânia e entre eles mais de 100 mil pessoas sem a nacionalidade ucraniana, os quais se referiam em sua maioria a estudantes africanos e indianos.

#### Imagem 4- Imigrantes africanos à espera da evacuação



Fonte (Der Spiegel, 23.02.202, Daniel Howden, *at all.*)<sup>14</sup>

Os relatos dos sobreviventes mostram que as perseguições aos imigrantes de pele escura e parda começavam ainda nas saídas dos grandes centros urbanos. Quanto mais se afunilava a saída do país - precisamente nas fronteiras da Polônia e Hungria -, mais o racismo se tornava evidente. A indiana Namrath, que fazia doutorado em Bacteriologia na cidade ucraniana de Odessa, afirma, para o jornal alemão *Bild Zeitung*, que escapou pela Romênia e que foi muito bem tratada do

<sup>13</sup> <https://www.hessenschau.de/gesellschaft/afrikanische-studierende-aus-der-ukraine-sind-wir-nicht-alle-auf-der-flucht-vor-dem-gleichen-krieg,afrikanische-studenten-ukraine-100.html>. Acesso em: 10.03.2022.

<sup>14</sup> <https://www.spiegel.de/ausland/ukraine-fluechtlinge-die-einen-sind-willkommen-die-anderen-werden-eingesperrt-a-63f127bd-cdda-4b25-aa7b-97a4bfaf3a2d>. Acesso em : 24.02.2022.



outro lado da fronteira, mas a dificuldade mesmo era conseguir um local no trem, que a levaria até a fronteira.

O fato de eu está desacompanhada de um ser masculino isto já era motivo para que eu não conseguisse nem entrar na plataforma. Crianças, mulheres brancas e idosas eram protegidas por seus familiares masculinos até conseguirem subir aos vagões. No nosso caso, "mulheres africanas e indianas" éramos separadas e só teríamos direitos a subir ao trem apenas após todas as ucranianas haverem subido com crianças, idosos e com seus pertences. Isto poderia durar horas ou dias de espera. (*Bild Zeitung*, 13.03.22).

Os relatos de racismo e preconceito vividos pelos deslocados de países terceiros não param por aí. O cientista político camaronense, Ronald Manga, 27 anos em entrevista no Ministério Social da cidade de Hamburg, informou-nos, com lágrimas nos olhos, sobre as longas horas passadas na fronteira da Ucrânia com a Polônia - não porque ele havia deixado o país onde viveu por mais de cinco anos. No momento da entrevista, ele ainda mostrava a manga da jaqueta rasgada e um inchaço sobre o olho esquerdo. Segundo ele, um soldado ucraniano o havia espancado. "É lindo hoje ver o mundo todo a dar apoio à Ucrânia, mas a Ucrânia não dá apoio aos seus cidadãos em sua própria casa." Manga informou ainda que chegou à fronteira da Ucrânia com a Polônia no sábado dia 26.02.2022, onde só pôde passar sua esposa e a filha. "Eu tive que ficar na fronteira por mais três dias. Só fui liberado no dia 29.02.2022. Após tomarem todos os meus pertences, inclusive o único dinheiro que eu tinha para encontrar com minha esposa." (Entrevista, Manga: 21.03.2022)(Informação verbal).

Calep Gabila, 22 anos, estudante camaronense informa que havia vários lugares pelos quais as pessoas deveriam passar para obter um carimbo de saída em seu passaporte. "Assim que os cidadãos ucranianos chegavam tínhamos que abrir espaços para eles. Às vezes, eu me perguntava: 'não estamos todos fugindo da mesma guerra?'"(Entrevista, Gabila: 22.03.2022) (Informação verbal).

O padre Tim van de Griend, de uma paróquia em Frankfurt, em seu momento de tradução, explica que outros meios de comunicação também já vêm denunciando semelhantes atitudes de racismo nas fronteiras. "Eles escapam da guerra, mas têm que temer por suas vidas novamente na fronteira, porque há grupos que querem roubá-los." (Entrevista, Griend: 22.03.2022) (Informação verbal).



Oleksandra Suprun, nigeriana, 29 anos, médica, também relata cenas dantescas e priorização na saída do país. Ela chegou a Przemysl de Trem de Lviv, a cerca de 50 quilômetros da fronteira polonesa. “É muito difícil pegar um trem em Lviv.” (Informação verbal). Ela explicava que a estação era enorme e quando ela chegou lá em um final de semana, as pessoas já estavam lado a lado e havia uma multidão imensa. Era todo mundo tentando pegar o próximo trem. Os homens estrangeiros eram os que tinham mais dificuldades de locomoção. Primeiramente, mulheres ucranianas com crianças, idosos e depois as imigrantes femininas. (Entrevista, Suprun: 24.03.2022) (Informação verbal).

Barn, um estudante de medicina indiano, de 26 anos, afirma que a polícia impediu ele e outros seis amigos estudantes de embarcarem no trem em 26 de fevereiro. “Quatro trens entraram e saíram e não nos deixaram embarcar. Eles (a polícia) nos disseram que apenas os ucranianos podiam andar nos três durante o dia, e que os estrangeiros só eram permitidos nos trens à noite.”. (Entrevista, Barn: 24.03.2022) (Informação verbal).

A Vigilância dos Direitos Humanos afirmava que em entrevistas com algumas dúzias de estrangeiros, incluindo muitos estudantes, revelou que o acesso de estrangeiros a ônibus e trens estava bloqueado ou atrasado para priorizar a evacuação dos nacionais. Após a forma desigual com a qual os imigrantes africanos e asiáticos eram tratados tanto no território do conflito, principalmente nas fronteiras, como na mídia ocidental, e após os relatos de racismo se espalharem pelas redes sociais, os governos europeus e africanos resolveram agir.

Alguns dias após a expansão das notícias via redes sociais, a comissária da UE para assuntos internos e migração, Ylva Johansson, deixou claro em Bruxelas que as fronteiras da UE também devem permanecer abertas para imigrantes de países terceiros que vivem na Ucrânia e desejam viajar para seus países de origem. E aqueles que precisam de proteção também podem solicitar asilo na UE<sup>15</sup>. Ao contrário dos ucranianos, que antes mesmo de saírem de seu território já contavam com abertura do mercado de trabalho europeu, uma rede de apoio social e visto que lhe daria o direito de permanecer em território da UE sem passar pelo processo de asilo, facilitando, assim, o tão sonhado processo de integração.

---

<sup>15</sup> Ylva Johansson Disponível em: <https://www.dw.com/de/eu-will-unbegrenzt-ukraine-fl%C3%BCchtlinge-aufnehmen/a-60937897>. Acesso em 08.04.2022.

Puxada pela onda de solidariedade espalhada nas redes sociais - e pelo fato de a Alemanha ser 'o carro-chefe econômico' da EU -, esta saiu em busca de rever os direitos de residência para os deslocados de países terceiro, oriundos da Ucrânia, em relação aos nacionais. De acordo com a ministra do interior Nancy Faeser, os cidadãos ucranianos receberão proteção nos países europeus através da chamada Diretiva de Influxo de Massa da UE. Eles (os ucranianos), portanto, terão os mesmos direitos de receber apoio dos Estados, iguais os requerentes de asilo, porém com um privilégio, eles não precisarão passar pelo procedimento de asilo para receber o benefício<sup>16</sup>. Após a pressão de países africanos, organizações de direitos humanos e a quantidade de questionamentos, a UE expande o direito de estadia aos deslocados de países terceiros, porém apenas aos que tinham visto de residência permanente, deixando de fora uma grande quantidade de estudantes africanos e indianos. Todavia, de acordo com a ministra do interior, ainda há necessidade de especificações dos regulamentos, principalmente no que diz respeito a alguns grupos (estudantes, indocumentados, vistos temporários) de países terceiros e seus status de proteção.

194

Por outro lado, o AMIF- *Asyl- Migrations- und Integrationsfonds* (Fundo de Asilo, Migração e Integração) prepara o maior pacote de ajuda humanitário já visto na história da UE para lidar com os deslocados ucranianos, ajuda esta que visa esgotar fundos de 2021 até 2027.<sup>17</sup>

O próprio Governo Federal Alemão fez campanha a nível europeu para garantir que os fundos disponíveis da AMIF pudessem ser usados o mais rápido possível e sem burocracia. A nível europeu, federal, estadual e municipal devem ser vários projetos financiados, os quais podem lidar com:

- Identificação de pessoas vulneráveis, bem como a sua admissão, alojamento e cuidados (alimentação, vestuário, assistência médica).
- Medidas para cursos de Integração.

Aconselhamentos, cuidados, apoio e ofertas para crianças e jovens, etc.

<sup>16</sup> Nancy Faeser Disponível em: <https://www.tagesschau.de/inland/innenpolitik/ukraine-fluechtlinge-aufnahme-deutschland-101.html>. Acesso em 08.04.2022.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.bamf.de/DE/Themen/Foerderungsbote/AMIF21/amif21-node.html>. Acesso em 08.04.2022.

## Considerações Finais

Aos meios de comunicação são atribuídas as funções de fazer publicidade, informar os cidadãos, contribuir para a formação de opiniões e lhes permitir participar da discussão dos assuntos públicos. Mas o partido político também tem o dever de fornecer aos potenciais eleitores informações de alta qualidade e oportunidades de discussão, a fim de contribuir para uma democracia deliberativa bem sucedida. Na competição acelerada da mídia (online) por atender anseios políticos, muitas vezes, parecem impelidas a falar e agir rapidamente, mas também usam a lógica funcional do jornalismo em tempo real.

Nenhum meio de comunicação de massa está imune aos perigos de banalizar as técnicas da reportagem, o jornalismo de qualidade, o poder da notícia e, ao mesmo tempo, barrar as linhas entre o entretenimento e informação. Na internet, no entanto, também há oportunidades para permitir que mais pessoas participem da comunicação política ou conduzam discursos políticos em primeiro lugar que quase nunca ocorrem na mídia tradicional. Seja no campo da comunicação ou da política, os meios de comunicações e os jornalistas devem estar atentos ao fazer do jornalismo. Por conta que, através desta combinação a opinião pública se constrói e com ela sentimentos de pertencimento, versões de verdades, interpretações e percepções.

O maior exemplo disto é o sentimento de união construído pela classe política ocidental e balizada pela imprensa em relação à operação militar russa na Ucrânia. A sensação que se tem, ao observar os fatos e analisar a construção dos produtos jornalísticos no Ocidente, é que a mídia tradicional também está em busca de uma sobrevivência dentro desta guerra, que também é cultural. E que dentro do terreno da mídia ocidental formal, não há espaço para ouvir as duas partes, nem perceber que o camaleão também muda de cor.

Percebe-se que os meios de comunicação de massa do Ocidente estão tão preocupados em defender os interesses da classe política que acabaram esquecendo-se da coluna vertebral que sustenta nossos valores, ou seja, os direitos humanos. Com isto, descriminalizam cidadãos de países terceiros com leis que mais os segregam que os acolhem.

## Referências

ARON, Raymond (1980): Clausewitz. Den Krieg denken, Frankfurt a.M. u.a.

Berger, Miriam; Cheng, Amy; Jeong, Andrew; Suliman Adela. (2022): Russia-Ukraine War, *The Washington Post* 18.03.2022. <https://www.washingtonpost.com/world/2022/03/18/russia-ukraine-war-news-putin-live-updates/>. Acesso em 16.03.22.

Bull, Hedley (1977): *The Anarchical Society*, New York.

Daase, Christopher (1999): *Kleine Kriege - Große Wirkung. Wie unkonventionelle Kriegführung die internationale Politik verändert*, Baden-Baden.

Daase, Christopher (2002a): *Terrorismus und Krieg. Zukunftsszenarien politischer Gewalt im 21. Jahrhundert*, in: Voigt, Rüdiger (Hg.): *Krieg - Instrument der Politik? Bewaffnete Konflikte im Übergang vom 20. zum 21. Jahrhundert*, Baden-Baden, 365-389.

Kellenbachr, Nadine. (2022): *Ukraine Krieg*. Gesine Dorneblüth, Rbb 88.8. Disponível em: <https://www.rbb888.de/livestream/>. Acesso em: 01.04.2022.

Lehmann, Marco (2021): *Die Ukraine in den Augen Deutschlands: Zukunft der Ukraine als Lackmustest für die europäische Idee*, GTZ, Berlin.

Löffelholz, Mathias (2017): *Krieg und Konflikte - Kriegsberichterstattung in der Mediengeschaft*, bpb - Berlin, 25-31.

Mihr, Christian (2022): *Russland- "Atmosphäre der Angst"*. ARTE 26.02.2022. / ZDF. 06.03.2022. Disponível em: <https://www.zdf.de/nachrichten/zdf-morgenmagazin/russland-atmosphaere-der-angst-ukraine-krieg-100.html>. Acesso em: 01.04.22.

Münkler, Herfried (1999): *Den Krieg wieder denken. Clausewitz, Kosovo und die Kriege des 21. Jahrhunderts*, in: *Blätter für deutsche und internationale Politik*, H. 6, 678-688.

\_\_\_\_\_ (2003): *Clausewitz Theorie des Krieges*. 1. Auflage, Nomos Verlagsgesellschaft, Baden-Baden.

Pauli, Rauf (2022): *Die Zeit- Medienkrieg: unsere Werte, ihre Propaganda*. Disponível em: <https://www.zeit.de/politik/ausland/2021-03/Medien-Krieg-Einfluss-Westen-Russland-China-Katar-Iran-Propaganda-Meinungsfreiheit/seite-2>. Acesso em: 02.04.22.

Ronzheimer, Paul. (2022): *Den Krieg in Kiew*. *Bild Zeitung*. 11.03.2022. Disponível em: <https://www.deutschlandfunkkultur.de/berichterstattung-ukraine-russland-krieg-100.html>. Acesso em 15.03.22.

Rölller, Ulf; Girke, Jenifer (2022): *Chinas Sichtweise, Chinas Dilema*. <https://www.zdf.de/nachrichten/politik/china-xi-putin-ukraine-krieg-russland-100.html> (ZDF, 11-03-2022). Acesso em: 15.03.22

Schuler, Ralf (2022): Behörden Schlagen Flüchtlings-Alarm. Bild Zeitung, 13.03.22. Disponível em: <https://www.bild.de/regional/duesseldorf/duesseldorf-aktuell/duesseldorf-ukrainerin-18-von-zwei-weiteren-fluechtlingen-vergewaltigt-79453682.bild.html> . Acesso em: 16.03.2022.

Sousa Santos, Boaventura. (2022): Como chegamos aqui? O Público. 25.02.2022. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/02/25/opiniao/opiniao/chegamos-aqui-1996829>. Acesso em 25.03.22.

Vasquez, John A. (1993): The War Puzzle, Cambridge.

Von Schumann, Andreas (2021) (Hg.): Die Ukraine in den Augen Deutschlands: Bilder und Wahrnehmungen eines Landes im Umbruch, GTZ, Berlin, 29-32.

#### Entrevistados:

Manga, Ronald: depoimento [mar.2022 ], Entrevistador: Mariano Hebenbrock. Hamburg, Sozialbehörde, 2022. Entrevista concedida ao Projeto Zentralanlaufstelle Anerkennung- HH. Alemanha.

Gabila, Calep: depoimento [mar.2022 ], Entrevistador: Mariano Hebenbrock. Hamburg, Sozialbehörde, 2022. Entrevista concedida ao Projeto Zentralanlaufstelle Anerkennung- HH. Alemanha.

Suprun, Oleksandra: depoimento [mar.2022 ], Entrevistador: Mariano Hebenbrock. Hamburg, Sozialbehörde, 2022. Entrevista concedida ao Projeto Zentralanlaufstelle Anerkennung- HH. Alemanha.

Barn: depoimento[mar.2022 ], Entrevistador: Mariano Hebenbrock. Hamburg, Sozialbehörde, 2022. Entrevista concedida ao Projeto Zentralanlaufstelle Anerkennung- HH. Alemanha.

**RECEBIDO EM 17/05/2022**

**APROVADO EM 10/08/2022.**